

PALAVRAS E PALAVRAS...

RAUL PILLA

O MEU EMINENTE colega e amigo sr. Costa Rêgo cultiva o paradoxo. E, por isto, referindo-se ao grande número de assembléias, conselhos, comissões que diariamente se reúnem no País, disse êle há dias, numa das suas brilhantes crônicas, que muito contente devo eu andar, por estar vigorando entre nós o sistema parlamentar. «Se o regime — diz êle — ainda não funciona com todo o rigor do seu formalismo, domina com tôda a ilusão do seu verbalismo».

Ninguém melhor do que o ilustre jornalista conhece o sistema parlamentar e sabe quão longe dêle andamos, mas, havendo muito leitor capaz de tomar ao pé da letra a sua ironia e pensar que parlamentarismo seja pura verbiagem, permito-me reproduzir aqui o que escrevi num opúsculo de divulgação.

«Em verdade — dizia eu — o parentesco vocabular é o maior responsável dêste estúpido preconceito (ser o parlamentar o regime da parolagem). Parlamento vem de parlar, falar. E, como parlar, em nossa língua tem frequentemente o sentido pejorativo de tagarelar, concluem muitos, por uma simples inferência verbal, que o regime parlamentar é o regime da parolagem.

«Nada, porém, mais falso do que isto. Regime da parolagem é, antes, o presidencial. Quem duvidar disto, nada mais terá que fazer, senão percorrer os anais da Câmara dos Deputados. Quantos discursos vão ali se encontram! A julgar por êles, dir-se-ia antes um grêmio literário e recreativo, do que um parlamento.

«Clara é a razão. No regime presidencial, nada do que se diz no Congresso tem verdadeira importância, pois dificilmente consegue mudar o curso do govêrno; no regime parlamentar, pelo contrário, tudo o que se diga tem, ou pode vir a ter importância. Aí está porque no regime parlamentar os deputados falam menos e falam mais substancialmente, e mais a propósito, que no regime presidencial. Não se desperdiçam palavras, porque as palavras têm valor, têm fôrça, têm ação».

Aí está o que eu peço a Costa Rêgo a licença de esclarecer a seus leitores. Há palavras e palavras...